

YOLANDA CORSEPIUS

ALGUMAS NOTAS SOBRE

ASPECTOS

SÓCIO-CULTURAIS NA HORTA

NO TEMPO

DOS CABOS SUBMARINOS



1999

825400

YOLANDA CORSEPIUS

ALGUMAS NOTAS SOBRE
ASPECTOS
SÓCIO-CULTURAIS NA HORTA
NO TEMPO
DOS CABOS SUBMARINOS

1999

SUMÁRIO

	Pg.
1. Preâmbulo.....	5
2. Os funcionários, os seus interesses e deveres.....	6
3. Os primeiros contactos.....	10
4. O desporto.....	11
5. Coisas que se contavam.....	18
6. Hábitos, partidas e pessoas.....	20
7. Curiosidades.....	22
8. Festas.....	23
9. As Orquestras.....	27
10. O Campo de “concentrados” durante a guerra 1914-1918.....	28
11. As Crianças, a sua educação e as suas festas.....	30
12. A influência sócio-cultural noutros sectores - Projecção do Faial.....	34
13. A decadência e o fim das companhias.....	38
14. Considerações finais.....	40
Bibliografia e outras fontes de informação.....	42
Anexo 1. Casamentos realizados entre funcionários estrangeiros..... dos cabos submarinos e residentes na Horta, 1894 - 1967.....	43
Anexo 2. Mapa-mundi com sistemas de cabos submarinos, 1905.....	45
Anexo 3. Condições de contrato para admissão como funcionário..... da DAT no estrangeiro.....	47
Anexo 4. Folha de registo do Campeonato de Atletismo, 1924.....	51
Anexo 5. Receita de Pudim de Sémola.....	55
Anexo 6. Crianças filhas de empregados estrangeiros das Companhias	56

Título: *Algumas Notas sobre Aspectos Sócio-Culturais
na Horta no Tempo dos Cabos Submarinos*

Autor: *Yolanda Corsépius*

Edição do Autor

Execução gráfica: *FDR*

ISBN 972-95009-4-0

Depósito legal 138178/99

Maio 1999

Tiragem 500 exemplares

ALGUMAS NOTAS SOBRE ASPECTOS SOCIO-CULTURAIS NA HORTA, NO TEMPO DOS CABOS SUBMARINOS

1. Preâmbulo

Têm sido escritos vários documentos sobre os Cabos Submarinos na Horta e a influência que os mesmos exerceram na vida desta cidade durante os anos em que cá estiveram estabelecidas as Companhias estrangeiras que as operavam, ou seja entre os anos de 1893 e 1962, mais ou menos.

Não me proponho portanto repetir o que já foi feito. Há, no entanto, aspectos que julgo com um certo interesse e que talvez nunca tenham sido referidos, em especial na área sócio-cultural. É que os mesmos influenciaram, se não a vida do Faial, sem dúvida a vida na cidade. Depois deixaram simplesmente de existir, quando as companhias dos Cabos Submarinos aqui acabaram.

Assim, a quem hoje vive na pequena cidade da Horta, talvez não seja fácil imaginar o que foram esses cerca de 60 animados anos que, para além dos edifícios que hoje são ocupados por repartições públicas, ensino, hotel ou casas particulares¹ e os 9 campos de tennis que entretanto foram desaparecendo². Resultavam num relacionamento internacional envolvendo a população local e os empregados estrangeiros então residentes. Nasceram clubes, orquestras ligeiras de estrangeiros e havia competições desportivas de modalidades que entretanto também deixaram de se praticar.

¹ A Estação - "Trinity House" foi iniciada em 1899, terminada em 1902 e reconstruída em 1927 após o sismo de 1926. As casas da "Companhia Alemã" foram as primeiras a serem construídas para os seus empregados em 1905-1906. No entanto, depois do terremoto referido, foram reconstruídas. A "Fredónia", foi comprada à família Dabney em 1899 para casa do diretor da "EAT"; a "Waldorf" ao lado, ficou para residência do técnico electricista. As casas do bairro da WU foram iniciadas em 1925 pela firma americana "Stone e Webster" e concluídas em 1927. A "Cedars", construída em 1851 igualmente pelos Dabney, foi comprada pela Comercial Cable Company (CCC) em 1900 para casa do seu diretor. As casas do bairro da WU foram iniciadas em 1925 pela firma americana "Stone e Webster" e concluídas em 1927.

² Os campos existentes eram os seguintes: Fayal Sport Clube (FSC) - 2; Sporting Club da Horta (SCH) - 1; Deutsch-Atlantische Telegraphengesellschaft (DAT)-1; WU - 2; Eastern - 2; CCC - 1.

Desse convívio pouco ou nada ficou. Porque até dos, pelo menos, 40 casamentos que nesses anos se realizaram entre estrangeiros e raparigas faialenses, (lista anexa) hoje apenas vive uma descendente na Horta, a Hildegard Grötzner, casada com um português.

Mas ficou esse espaço na história desta ilha e sinto-me compelida a alinhar umas notas, ainda que poucas por falta de mais elementos. Como filha de um desses empregados estrangeiros, sentindo-o talvez mesmo como um dever e, naturalmente, também com uma ponta de sentimentalismo. O facto de incluir um maior número de fotos a documentar momentos vividos pelos alemães acontece no entanto apenas por ter tido mais fácil acesso aos mesmos.

Se, por outro lado, ao longo do texto por vezes expresso uma opinião que entre discordância por parte de alguns, isso será natural. É um direito que a todos pertence e assim espero que seja aceite num ambiente de liberdade de opinião.

2. Os funcionários das Companhias, os seus interesses e deveres

2.1. Os britânicos

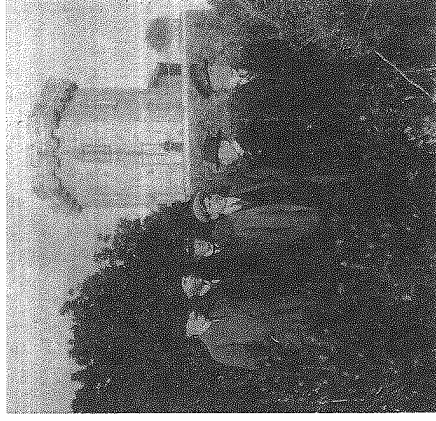
A 1ª companhia a funcionar no Faial foi a companhia inglesa - Europe & Azores Telegraph Company (EAF) - precisamente fundada para operar entre Portugal Continental e os Açores. Mais tarde associou-se à Eastern Telegraph Company (Eastern) - e foi Mr. K. Wood o seu 1º diretor. Esteve no entanto pouco tempo na Horta, sendo substituído por Mr. C. Wilkinson que chegou em 13.12.1894 ao Faial no "Açor", um navio de passageiros que fazia ligação entre Lisboa e os Açores. Depois chegou a família em 2.2. 1895, e assim foram chegando outros funcionários, de início apenas solteiros. Eram ingleses, irlandeses, escoceses: Mr. Neilson, Mr. Boives, Mr. Harry Wilkinson e Mr. Emanuel R. Parkinson, por exemplo. Depois veio um francês e entretanto tinham chegado também os alemães que tiveram o 1º cabo instalado nos Açores em 26.5.1900. - Mesmo a companhia americana, no entanto, a Western Union Telegraph Cº (WU), só raramente teve um funcionário americano.

Alguns dos britânicos começaram logo a ser notícia no jornal "O Telegraph" - fundado em 1893 precisamente para comemorar o início das ligações por cabos submarinos - porque se distinguiam por empreendimentos desportivos pouco comuns então, como uma subida ao Pico em 17.7.1894. Em 4.8.1898 também mereceu notícia Mr. Godfrey Ellerton por ter ido com outros 2 ingleses à borda

da Caldeira "admirar a paisagem". Na verdade nesse tempo não havia estrada e esse passeio correspondia a uma caminhada de uns 17 km para cada lado, feito por veredas desde a cidade. Também pescavam, e Mr. Henry Wilkinson, diz o jornal, comprou em 1898 um bote a que pôs o nome de "Venus". Mr Ellerton, entretanto, também se dedicava à caça, referindo o mesmo jornal de 1.8.1898 que, na rocha da Espalamarca, tinha caçado 45 pombas e, em 27.11. do mesmo ano, 67 codonizes. Que matança!



1. Estrangeiros durante uma subida ao Pico ..



2. ... é um passio ao Capelo

Entretanto foi-se continuando a tradição faialense de realizar "bailes" quer nas "sociedades" como o "Amor da Pátria", quer em casas particulares, e Mr. Wilkinson, como diretor de uma companhia, também recebeu em sua casa em 4.4.1899.

Por outro lado, tal como nas outras companhias, era naturalmente preocupação para as inglesas, a manutenção da segurança em relação às transmissões o que incluía a soberania sobre os seus cabos submarinos. Assim, mal começaram as 2 guerras mundiais, os cabos alemães foram imediatamente cortados por um navio inglês, e em 1940 também o italiano quando se aliou à Alemanha. Interrompia-se assim a possibilidade de comunicações do inimigo com o resto do mundo. Os cabos eram um força estratégica, e já em 16.5.1899, "The Globe", jornal inglês, transcreve a preocupação espanhola de confiar os seus cabos que passam pelos Açores, à marinha portuguesa, e aproveitava para manifestar que "é

preciso que os ingleses tenham um cabo inglês, manipulado por ingleses"! Assim, mesmo em águas portuguesas, os cabos eram considerados propriedade de outros países! O "Império dos Cabos" a reforçar os "Impérios do Mundo" conforme se entende de um mapa-mundi de então (anexo 2).

Relativamente às qualificações exigidas aos funcionários ingleses que trabalhavam na Horta, Mr. Weston, o último antigo funcionário inglês que residiu no Faial até falecer em 1997, deu-me as seguintes informações:

Para se ser funcionário das Companhias "E&A" ou "CCC", era necessário ter o Curso Geral do Liceu, ou equivalente, - 10 anos de escolaridade - a que vinha acrescentar uma recomendação do reitor do liceu. A prática de desportos era um dado muito importante além de ter de se saber nadar. Os candidatos depois faziam um curso remunerado de 1 ano, em Rádio-Telegrafia, que se podia realizar em Liverpool, Penzance, Londres ou em Waterville, Irlanda. Os franceses faziam-no em Deolan, Brest.

Havia depois um exame feito pelo médico da companhia e uma entrevista com o diretor não só para avaliar o nível desportivo do candidato, como o seu nível de convívio social. Seguia-se um exame escrito para confirmar as qualidades e conhecimentos.

Não admira assim, que os funcionários fossem considerados uma imagem que se procurava positiva junto das populações que iriam contactar. Em contrapartida, no entanto, durante muitos anos, alguns consideraram que as condições de serviço não eram muito estimulantes. Mas se os empregados estavam sujeitos a transferências para qualquer parte eram-no a expensas das companhias, e se as férias eram de 30 dias por ano - regra geral acumuladas por 3 anos - também o horário de trabalho de 8 horas, era às vezes reduzido para 6 ou 7 horas conforme o lugar e o correspondente clima. Havia, é certo, a obrigatoriedade de trabalhar a qualquer hora ou dia, incluindo domingos e feriados, mas as horas extraordinárias eram compensadas com tempo livre. Além disso havia messes ou cantinas para os solteiros, e a companhia dava casas próprias ou arrendadas para os casados.³

³ A messe da WU situava-se no edifício grande que hoje faz parte do Hotel Faial. A "casa dos solteiros" da "Comercial" situava-se no edifício atrás da "Cedars" e a dos funcionários da "Eastern", situava-se até 1935, no edifício que depois passou a ser o "Liceu" até este ser ampliado. (Embora a "Eastern" em 1929 tivesse passado para a "Imperial & International Communications" e em 1934 para a "Cable & Wireless" ficou sempre conhecida pelo seu nome inicial)

De início houve poucos contratos escritos; depois passaram a ser num mínimo de 3 anos. Já depois da 2ª Guerra Mundial, houve no entanto dificuldade em recrutar jovens, o que levou a uma menor exigência de qualificações excepto na parte técnica. Também a licença para casar, que de início era exigida, deixou de existir. Mesmo assim alguns abandonavam o trabalho por não quererem trabalhar de noite, ao domingo ou estar longe da família.

2.2. Os alemães

Durante o seu funcionamento desde 1900 até 1943, com interrupção de cerca de 10 anos durante a 1ª Guerra Mundial e até 1926, a DAT só teve 2 diretores. O 1º Herr Ruhmkorf e o 2º Herr Otto Schröder.

O 1º cabo foi lançado de Emden para a Horta para daqui haver retransmissão das mensagens através do cabo americano. De início havia poucos funcionários e foi a partir da entrada em funcionamento do novo cabo, em 1926, que entrou uma nova onda de jovens empregados que se consideravam privilegiados para este trabalho. - Antes da guerra, numa Alemanha poderosa, já seria uma sorte ser escolhido para um trabalho no estrangeiro o que correspondia a um bom ordenado e à libertação da tutela paterna. Mas depois da guerra, numa Alemanha com mais de 6 milhões de desempregados, arranjar um lugar na DAT da Horta, era na realidade a sorte grande. É que, mesmo tendo sido admitidos cerca de 160 jovens dos 17-18 anos na Escola Telegráfica da DAT - também com vista ao seu envio para a estação de Vigo que abriu em 1929 - as exigências durante o curso eram grandes e o número de reprovações correspondeu a isso. Houve no entanto 25 jovens que, de 1927 a 1930, conseguiram dar o "salto" com um contrato de 3 anos. A esses juntaram-se alguns recrutados da estação de Emden e entre os funcionários do Ministério dos Correios noutras cidades, pois a DAT pertencia em 100% aos Correios - o "Reichspostministerium".

As condições impostas no contrato nem sempre eram fáceis ("Condições", em anexo) mas esperava-se, além disso, que o comportamento do funcionário fosse irreprensível incluindo a sua apresentação. A qualquer um deles era imposta, por exemplo, a compra por sua conta, de um smoking, fatos, gravatas e piúgas o que nessa altura importava em cerca de 1000 marcos. O seu ordenado, de qualquer maneira, era superior ao dos empregados das companhias inglesa ou mesmo da americana, e corresponderia a 4 vezes o ordenado de um empregado comercial na Horta. - Saudades da sua terra talvez alguns tivessem, mas mesmo assim, alguns adaptaram-se tão bem, que prolongaram a estada por muitos anos casando no Faial, trazendo a mulher alemã ou mesmo ficando solteiros.

Depois de 1933 o movimento cabográfico começou a reduzir e a DAT viu-se obrigada a diminuir o pessoal no estrangeiro.⁴ Pode dizer-se que em 1936 tinha terminado para alguns jovens alemães o sonho de uma colocação no estrangeiro. No Faial terminou em Outubro 1943, com a deportação dos funcionários e das suas famílias para S. Miguel aquando da instalação da Base Naval dos Aliados no porto da Horta. Depois da guerra, 3 ex-funcionários - Herr Moll, Herr Böwe e Herr Grötzner, reformados, voltaram à Horta com as mulheres visto estas serem faialenses. Aqui faleceram. Mas os cabos submarinos alemães, mesmo em Portu-gal Continental, já tinham terminado definitivamente em 1954 depois de uma breve ligação Emden-Carcavelos.

3. Os primeiros contactos

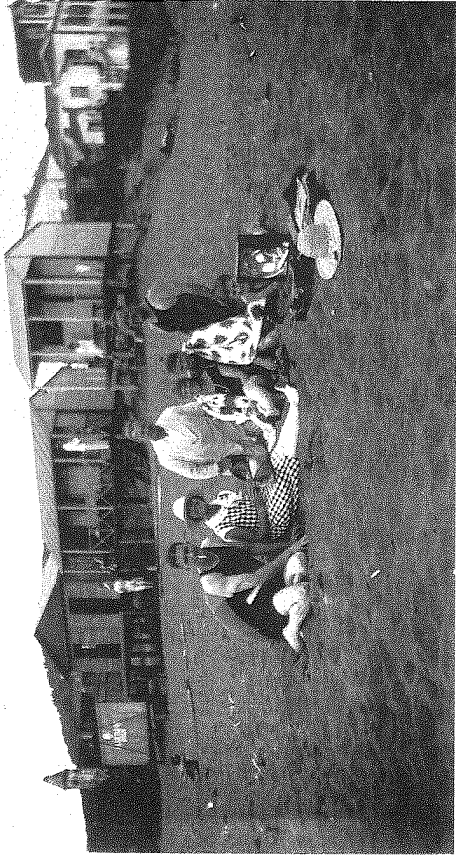
É interessante verificar em fotos antigas, o ar despreocupado de empregados das companhias ocupando os seus tempos livres tanto em passeios pelo campo ou no areal que então existia diante do castelo de Sta.Cruz e onde cada companhia tinha uma barraca de madeira como vestiário.

Também demonstrativo do seu relacionamento com a população local, sobretudo a feminina, são fotografias de 1911/12 mostrando jovens empregados ingleses e alemães no então Largo do Infante de árvores coposas, sentados num banco ou no muro com 10 crianças à sua volta incluindo até um bebé ao colo. Talvez se sentissem bem naquele convívio "familiar" o qual teria sido facilitado pelas 2 filhas de um empregado alemão, Herr Galle, que começaram a conviver com as raparigas locais: as filhas do então Capitão do Porto, Santos, e outras. E os pais confiavam naquele convívio com "rapazes" conhecidos pela sua correção e bons modos. Naturalmente, também as "meninas" mais velhas apreciavam esse convívio como se pode verificar noutra foto em que 3 jovens bonitas e sorridentes, de chapéu, como era moda, estão sentadas num banco alternando com 3 estrangeiros, de boné, como era costume.

Entretanto vinham os namoros, os casamentos, e também os ressentimentos ou ciúmes por parte de jovens locais que se sentiam marginalizados. Talvez por isso, ou não, foi mais tarde publicada uma historieta, bastante dengosa aliás,

⁴ Para poderem manter os seus postos de trabalho, por imposição da selecção preconizada pela ideologia nazi em 1938, os alemães tiveram ainda de apresentar certidões de nascimento dos pais, para provarem a sua ascendência ariana, e onde constasse também a confissão religiosa dos mesmos!

mas que retratava um destes exemplos, acabando o conto com a opção da faialense pelo seu "verdadeiro" amor: um faialense, apesar dos reconhecidos dotes do namorado inglês. Esta história,⁵ curiosamente, foi escrita sob pseudónimo, por um escocês, Dalrymple, que também casou com uma portuguesa....!



3. Um pique-nique no areal defronte do Castelo de Sta. Cruz

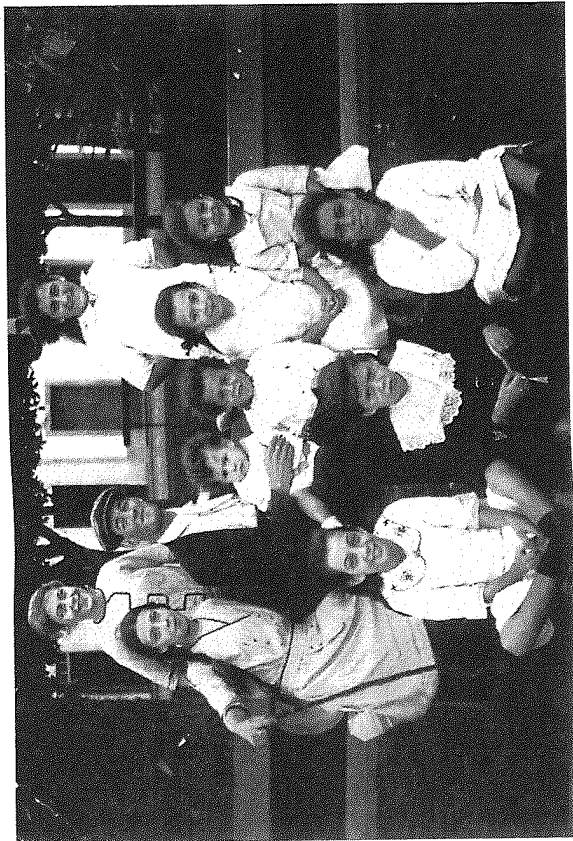
De lembrar ainda que, do gosto em memorizar estes convívios se desenvolveu também bastante o interesse pela fotografia de amador, nomeadamente namoradas jovens faialenses, que se interessaram até pela técnica de revelação e cópia em molduras ao sol...

4. O Desporto

Talvez a actividade que mais marcou o convívio entre os elementos das companhias estrangeiras e a população local tenha sido a prática de desporto o qual não se limitou ao futebol, mas pelo contrário se notabilizou através do atletismo e a prática do ténis, a modalidade mais praticada, e que logo se transmitiu com entusiasmo a várias jovens locais, entre elas Guimar Melo, Maria Nóbrega, Branca Perry e as 3 irmãs, Olga, Hortênsia e Natália Medeiros que, desde

⁵ Olegarde - "Natália", Ed. Lumen, Lisboa, 1923

pequenas, o praticaram continuando 3 delas a praticá-lo após os 40 anos de idade. Uma delas, com 36, ainda ganhou duas taças do BSC, num jogo misto de

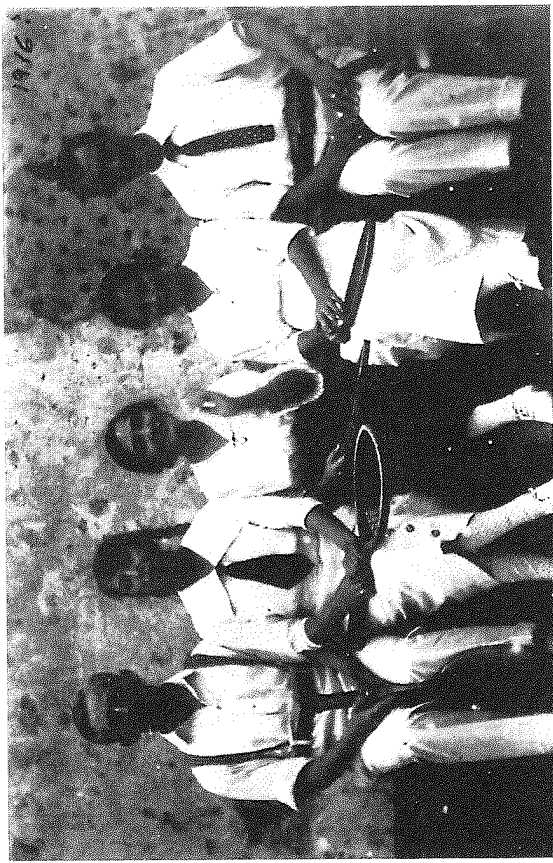


4. Convívio de estrangeiros com crianças da Horta....



5. e com jovens, 1912

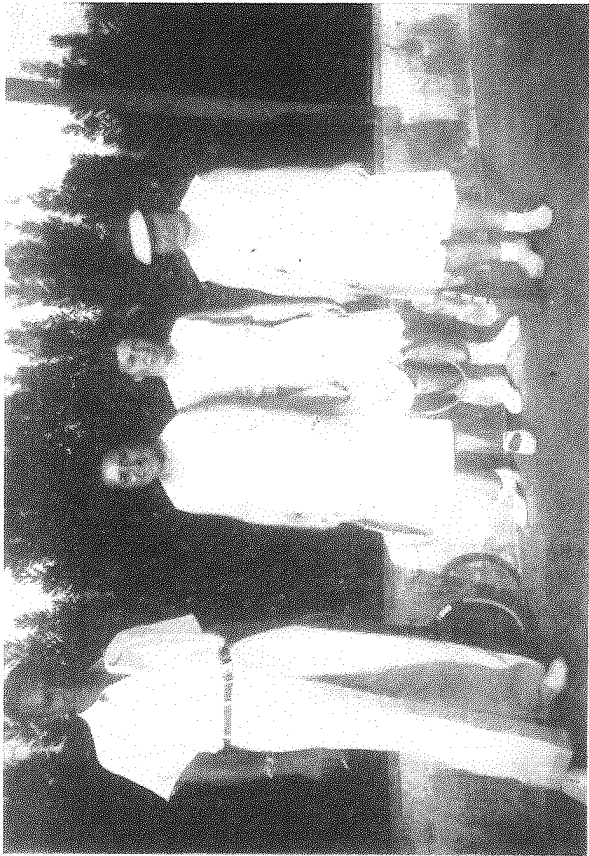
pares, e quando mais tarde durante o jogo deslocava um joelho em que já usava uma ligadura elástica, parava, dava um jeito na perna, e continuava a jogar. Seria diferente a mentalidade das fatalenses nesses tempos?



6. Jogava-se ao tennis em jovem...., 1916

Antes disso, conforme se conta num dos números de "O Telegrapho" de 1895, o "Gymnasio Club" também tinha melhorado as suas instalações na "Bagatelle", permitindo assim que no seu salão se praticasse: "gymnastica com razoaveis aparelhos, jogos de sabre e florete, uma sala de bilhar, onde haverá jogos de damas, xadrez, gamão, etc....e ao ar livre, carreira de tiro, jogos de croquet⁶ e lawn tennis." Tinham também 1 escaler para remos. E já em 1897 houve uma regata de "chatas" (pequenos botes a remo de fundo chato). Outras modalidades no entanto também se desenvolveram, ainda que em menor

⁶ Além de haver um destes jogos junto ao campo de tennis do FSC, até há poucos anos havia um "jogo de croquet" em várias casas na Horta. Cheguei a jogá-lo na casa de verão da família Barata no Pasteleiro e na Fredónia no início dos anos 50.



7. e continuava-se até mais tarde, 1936

escala, como o hóquei em campo, praticado apenas por 2 grupos: "Os Portugueses" e "Os Ingleses". A vela, a natação e o "water-polo", fomentados pela Delegação na Horta da Liga Naval Portuguesa teve maior incremento já nos anos 20, enquanto o remo foi mais praticado anteriormente. Havia 4 canoas de 5 m e, nas competições entre o FSC e o SCH, havia também duas equipas femininas.

Por outro lado, o jornal de 30.10.1894 noticia que tinham chegado 5 "bicycles" para os amadores deste "sport", mas o ciclismo, o tiro e a patinagem eram limitados àqueles que possuíam os acessórios necessários à sua prática e nunca teve características de competição. - Destacavam-se no entanto, ainda as provas de desporto náutico, as corridas de natação e também as gincanas com mergulho para apanhar pratos, o "pillow-fight" sobre barrote, o atravessar sobre barris ou vestir um casaco na água, etc.. Realizavam-se no retângulo do porto entre o então "plano inclinado" e o Cais.

O FSC, fundado em 2.2.1909, foi o 1º clube desportivo cujos "Onze" de honra eram exclusivamente portugueses, mas já antes da sua fundação se praticavam torneios de futebol e de atletismo com influência inglesa principalmente. O

grupo de futebol inglês, o British Sports Club, (BSC) integrava aliás, no início, elementos alemães e franceses. Posteriormente os alemães organizaram-se no Deutscher Sportverein Horta (DSH). Talvez por influência inglesa, nos torneios que passaram a partir de 14.5.1911 a ser organizados anualmente pelo FSC, as distâncias e alturas eram marcadas em jardas, mas houve na realidade uma presença forte de nomes ingleses nos primeiros lugares das eliminatórias e da final. Alguns exemplos dessa competição:

- 100 jardas: L. Morrisson (port.) Peele (ingl.); R.Bishop (ingl), C.Weber (alem.);A.Sweet (ingl.)
- 220 jardas: R.Bishop e M.Saldanha (port.)
- 440 jardas: C.Calcraft (ingl.), Herculano da Silveira (port.)

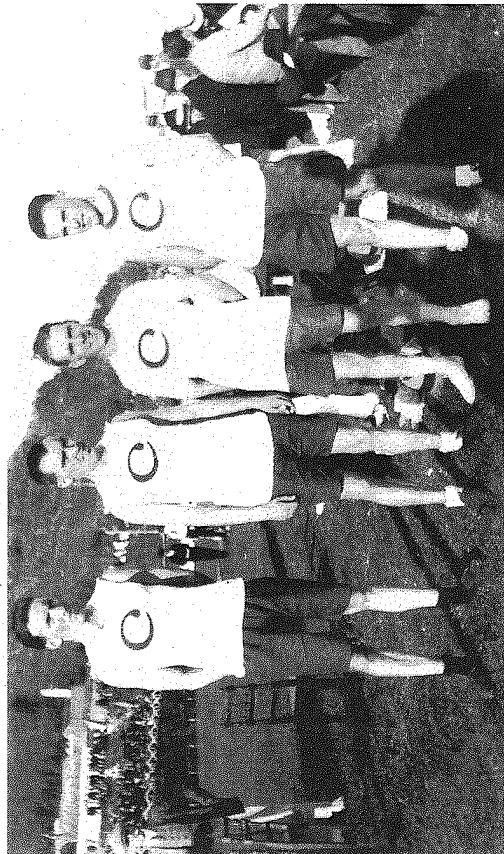
Nos anos seguintes, os mesmos continuaram a marcar presença, enquanto outros nomes foram surgindo. Entre eles, os ingleses: E.C.Webster, R.A.Peck, B.Kaselow, E.Wilmott, M.Atkins, E.Self, A.Rigby, Allen, Nash, Kelly, Ingersoll, Sterling, Wright, Gosling, Burnell; e os alemães: F.Bruder, Harbert, C. Taube.

Quanto a modalidades, começaram também a ser praticadas as corridas de barreiras, estafetas (Mackay Challenge Cup), o lançamento de disco, de dardo e de peso, os saltos em comprimento, em altura com trampolim e à vara, a milha e a luta de tracção à corda.

Dá uma ideia do envolvimento dos estrangeiros na vida desportiva da Horta desde início das Companhias, envolvimento que, talvez por arrasto, levava à participação não só dos funcionários portugueses que entretanto também iam sendo admitidos para as companhias, como de jovens da Horta. E também estes se iam destacando nas competições: Augusto Lemos, António Cristo, Mario Amaral, João Serpa, Júlio Andrade, etc.

Os torneios foram interrompidos durante a Guerra 14-18 iniciando-se novamente em 16.10.1921 e, em 1924, distinguiu-se nas corridas dos 100m, dos 400m, dos 800m e ainda nos saltos em comprimento, sempre o inglês Harrison. Nos 200m ficou em 1º lugar Harry Houghton, e nos 110m barreiras, F.S.Weston. Os praticantes britânicos eram em tal número, que se subdividiram em "Comercial Sport Club"(CSC), "Eastern Sport Club" (ESC) e "WU". (em anexo: uma folha anotada pelo membro do júri, Mr.Wilkins, o 3º na foto nº 8, e que amavelmente me foi cedida pela filha Helen, assim como as fotos nº 3, 15, 16 e 20).

Escreveu no entanto Ildídio Nogueira, na "Horta Desportiva" copiado por António B.Fonseca Vieira no seu livrinho "O Desporto na Horta" editado em 1933, que nesse ano de 1924 tinha terminado o período auro do atletismo na Horta,



8. Britânicos da equipa de atletismo da "C.C.C.", 1924

porque não tinha o apoio local. Desprezava-se segundo ele, "...as facilidades de aperfeiçoamento dos jovens faialenses ... pelos ensinamentos da luta leal e valorosa com os magníficos elementos das colónias estrangeiras... Essa luta que muito contribuiu para o progresso do atletismo faialense, foi sistematicamente posta de parte... porque os clubes faialenses não queriam perder... Sabiam que os estrangeiros bem preparados fisicamente e com mais conhecimentos técnicos, lograríam vantagem na maioria das provas... e os torneios de atletismo foram esquecidos."

Com razão ou sem ela, houve depois em 1931 um grupo impulsionado pelo mesmo Ilídio Nogueira que iniciou a publicação do jornal "A Horta Desportiva" com o objectivo de impulsionar novamente o desporto, organizando ainda um "cross-country" e uma luta de tracção em Nov. do mesmo ano. Mas só entraram equipas do Faial e Pico. Em Dezembro, a partir do mesmo grupo da "Horta Desportiva", realizou-se no entanto, uma Festa em que entraram 3 atletas, como "equipa estrangeira" - Twirdy, alemão, e Houghton e Rance, ingleses. E em Outubro do ano seguinte, organizou-se um torneio de atletismo em que, além dos clubes portugueses da Horta, num total de 87, estiveram representados o B.S.C.com 15 atletas, e o D.S.H.com 6. De lembrar aqui que, enquanto os ingleses influenciaram especialmente a qualidade técnica do futebol no Faial, os alemães destacavam-se mais nas provas de atletismo. Assim, nesta prova, ape-

sar de serem apenas 6 e polivalentes - tinham de entrar em várias provas o que também os cansava - a equipa saiu vencedora, tendo-se distinguido Grötzner em peso, disco e salto em altura, e Twirdy por ter batido o record dos 100m no Faial.

Quanto ao Ping-pong, era praticado por todos os clubes, destacando-se, embora em ciclo mais restrito, os torneios na Colónia Alemã que, em 1931, integrou se-horas, uma delas portuguesa.



9. Duas equipas do torneio de ping-pong n DAT, 1931

O B.S.C. desintegrou-se cerca de 1935-36. Como curiosidade registre-se que este clube dava duas taças, 1^o e 2^o prémios, que passavam do clube vencedor de atletismo de um ano, para o do ano seguinte.⁷

Relativamente ao Tenis, refiro ainda como curiosidade, o denodo com que alguns faialenses então jogavam o ténis entre eles Antero Gonçalves que jogava só com 1 braço e António Dutra que torceu a mão direita enquanto jogava, mas continuou a jogar com a esquerda. Não era decerto apenas pelo exemplo do inglês Lindley que andava com dificuldade, mas conseguia jogar tenis e bem.

⁷ Actualmente encontram-se na posse de particulares na Horta

5. Coisas que se contavam

As pessoas achavam graça a coisas que talvez as pessoas de hoje já não achem. Um sentido de humor; mais simples? Ou porque as pessoas envolvidas eram conhecidas e se contassem as coisas até com uma certa ternura? Mas faziam rir e resultavam, muitas delas, de situações provocadas por um convívio que era novidade, de um contacto de culturas diferentes e da aventura de dificuldades linguísticas. Contaram-me, entre outras, as que se seguem e assim as transmito.

- John Winthrop, pessoa simpática, excedia às vezes no uso de bebidas alcoólicas. Num dia, em que sofria as consequências imediatas desse consumo, duas crianças - João e o vizinho Vasco - entrando no estabelecimento onde Mr. Winthrop "recuperava", quiseram provocá-lo. Ofendido, agarrou num canivete e, correndo atrás deles, gritava: "Eu cortar bicha de menino....cortar bicha de menino."- As crianças fugiram para casa aterrorizadas. Mas Mr. Winthrop ficou desde então conhecido pelo "corta bicha de menino..."

- Peck e Peel eram dos melhores atletas nas provas de corrida. Um dia houve provas no campo do FSC junto à pedreira da doca. Entre os espectadores viam-se senhoras de chapéus emplumados, cinturas ajustadas e binóculos alçados. Acontece que os botões da camisa de Mr. Peel não resistiram às suas pernadas. Atrapalhou-se por momentos e tentou compor-se. Mas depois conti-nuou a correr. E ganhou a corrida entre aplausos, risadas, e aprovação da sua descontractação: "Ele queria era ganhar!" - Nessa época talvez fosse mesmo importante haver uma desculpa ...

- A tia de Isabel, mulher de Mr. Houghton (pai) tinha morrido e este quis mandar um telegrama à família em Lisboa procurando suavizar a violência da notícia. Assim redigiu: "morreu tia valentina stop jardim cheio de flores."

- Um dia, antes da Orquestra da Colónia Alemã iniciar a sua actuação, não se encontrava uma peça do trombone tocado por Herr Dahms, homem corpulento. Entretanto, na audiência, uma senhora também corpulenta verificou que, de-baixo do assento da sua cadeira, havia um objecto estranho e apressou-se a entregá-lo. "Ah," exclamou Herr Dahms, "não é de estranhar esta coincidência", esclarecendo no seu fraco português: "Senhora e isto dão sons parecidos..."

- Fräulein Niedermeyer foi a primeira governanta da Messe de solteiros da DAT⁸. Gostava de flores e semeava-as no quintal atrás da messe. Mas de uma das vezes as sementes não germinaram. Alguém, português, perguntou-lhe o que teria acontecido. Com tristeza levantou os braços e exclamou: "Olha, sementes muito bonites, canalla ala tudo!" (traduzido = os canários comeram tudo)

- A mesma senhora afinal sempre sabia algumas palavras de português mas misturava tudo, até com o inglês. E quando era preciso, inventava. Um dia viu um dos empregados da cozinha dar um bofetada num rapaz que aí trabalhava. Revoltada, correu para o agressor e gritou (alguém o ouviu!): "Du bumba rapaz in the cara, Du doch nicht pai von the rapazi!"(traduzido = Tu bateste na cara do rapaz, e tu não és o pai do rapaz !)

- Mr. Fielding jogava no grupo inglês de hockey em campo contra o grupo português. Um dia por azar, levou com a bola na cara e achou que, naquele momento o melhor era que alguém lhe puzesse água fria no local. Mas todos ficaram a olhar para ele enquanto gritava insistentemente - porque o "a" aberto não é fácil para o inglês -: "Égua, égua!" Estava a ofendê-los...!?

- Mr. Smith tinha 1 pintassilgo e quis acasalá-lo para criação. Foi procurar um sapateiro que tinha uma fêmea. Cuidadoso fez a pergunta: "Senhor, tem pintas-silgo-cadela?"

De outra vez quis oferecer um avental à mulher e foi à loja perguntar se tinham "uma coisa para mulher pôr no coisinho"(leia-se "cozinha")

- Mrs. Payne, mulher do penúltimo diretor da Eastern, era francesa, e para falar com a Maria, a empregada, utilizava constantemente o dicionário. Um dia, não encontrando o fole junto ao fogão de sala, procurou a palavra em português e encontrou duas. Escolhendo uma delas, chamou a Maria e pediu-lhe: "Maria, eu quero uma taponal!" A Maria é que ficou a olhá-la espantada: "Ah senhora, credo!" ("souflé" em francês, pode ser fole ou taponal)

- A mãe de Mr. Hampson perdeu um broche. O filho pôs um anúncio no jornal: "Minha mãe perdeu sua brocha. Dou 1 serrilho tu achaste."

⁸ Instalada no Edifício do Relógio, esta messe dispunha de sala de ping-pong, material de ginástica, bilhar e uma boa biblioteca.

- Frau Majewicz gostava de fazer bolos; por isso pediu ao marido para lhe comprar côco. Escreveu a palavra num papel conforme tinha lido no dicionário. Quando o marido, pequeno e delicado, chegou à loja do sr. Costa, pediu: "Por favor, 100 g de côco." Coisa de acentos apenas...

Talvez seja também curioso lembrar a propósito, que até à chegada das companhias, para as donas de casa não era "fino" irem às compras. As criadas é que o faziam. Mas os estrangeiros (eles e elas) gostavam de o fazer e esse hábito foi-se contagiando às senhoras da Horta. Começaram também a ir às compras. (Os homens é que só muito mais tarde...)

6. Hábitos, partidas e pessoas

Embora o desporto ocupassem a maior parte dos tempos livres dos jovens empregados, especialmente os ingleses - porque os alemães eram mais "virados" para as actividades musicais - todos eram conhecidos pelo seu comportamento cívico no geral irreprensível. Havia, no entanto, certos dias no ano em que, por tradição, certas loucuras incluindo algumas bebedeiras podiam fazer parte das suas festas.

Assim, a 5^a-feira de Ascensão - em alemão o *Himmelfahrtstag*, que os ingleses numa tradução "livre", chamavam o *heaven-travels-day* - alugava-se uma camionete e dava-se a volta à ilha, cantando e bebendo. Num dia foram todos vestidos de mulher... e as pessoas do campo ficaram a abanar a cabeça porque não era Carnaval.

Também o dia de cortar a árvore de Natal era para os alemães uma oportunidade para descontraír a sua "educação". Mais uma vez de camionete, iam para as matas cortar criptomérias. Necessidade de licença para isso não havia. - Escolhiam-se as árvores, uma por família incluindo uma para o Director e outra para o Sub-director da Companhia que não iam nessa jornada, e cada corte ou machadada era pretexto para um golo de *Schnaps* (água-ardente). No fim do trabalho ainda iam ao estabelecimento do "Ratinho" (Snr. Garcia Vargas) em Sto. Amaro, onde era escolhido um bacio que, depois de cheio de vinho era esvasiado com cantorias numa rodada por todos. Esta cerimónia era conhecida por "nightpot-shop" outra tradução adaptada do alemão *Nachtpfischopf* (trago do bacto).

Andar, fazer caminhadas era um hábito que, já então, não contagiava os fatalenses. Mas os ingleses gostavam de o fazer e alguns tinham por hábito, e quase diariamente, fazer o "3 miles walk" pela Canada do Pasteleiro ou o "5 miles walk" pela Canada do Meio. - Alguns alemães, poucos, preferiam outras caminhadas, e Herr Wittenberg, por exemplo, ia varias vezes por semana à Caldeira ... para começar bem o dia.

No rés-do-chão da messe da DAT, ficava o quarto de Fräulein Gerdes, a 2^a governanta da DAT, que gostava de descansar um pouco depois do almoço. Fechava as portadas das janelas e quando se abria novamente, chamava meigamente o seu canarinho numa gaiola fora da janela: "Hänschen?" E o Hänschen respondia com um pio alegre. - Um dia alguns dos jovens residentes - quase todos tinham menos de 20 anos - resolveram, durante o descanso da Fräulein, substituir o canário por um pato. Quando a senhora chamou o seu Hänschen, respondeu-lhe um "qua-qua" forte e grosso... e uma risota geral. Depois o canário voltou para a gaiola.

Herr Böwe, era, ao contrário dos seus colegas, bastante recatado. Irreprensível mas um pouco complicado e ingénuo. Assim, mesmo que os outros não lhe quisessem mal, era apeteçível a uma certa chacota. Aconteceu que, por aqueles tempos, saiu a seguinte anedota numa das revistas alemãs que eram enviadas da Alemanha: "Em Berlim onde há sempre buracos nas ruas - para o gás, para cabos de electricidade, para a água - os berlinenses já se habituaram a eles. Mas um camponês, ao ver tantos buracos, perguntou a um dos que trabalhava numa vala, para que era aquilo, ao que ele respondeu brincando - 'Sabe é para semearmos batatas?'. - Com ou sem piada, criou barbas, e já ninguém lhe achava graça. Mas só mais tarde é que Herr Böwe a descobriu e resolveu contá-la a um colega como se fosse novidade. E foi nisso que este colega achou a maior piada. E foi contá-lo aos outros que passaram a vir um a um, incluindo o director, pedir ao Herr Böwe para lhe contar a tal anedota. Riam depois com aquela ingenuidade. Herr Böwe é que, parece, nunca soube a verdadeira razão porque todos riam tanto.

Herr Gustav Corsépius, tocava piano e fazia-o com mais virtuosidade quando tinha bebido um pouco de cerveja a mais. Mas esse costume às vezes fazia-o adormecer perdendo também a noção do tempo. Um dia foi a uma recepção a bordo de um dos navios-catapulta da Lufthansa que se encontrava na Horta e,

depois de uns copos, ficou numa cadeira a dormir. O navio entretanto safu e no outro dia chegou ao porto de Ponta Delgada. Só então Herr Corsépius acordou. Mas olhando para a doca não viu o Pico do outro lado e começou aos gritos: "Meu Deus, o que é que aconteceu ao Pico?!"

7. Curiosidades

Herr Gustav Corsépius e o irmão Max, já em 1930-32, com a ajuda do mecânico da DAT que lhes construiu um aparelho conforme indicaram, conseguiram captar imagens de TV emitidas de Londres. Só que a imagem era muito pequena (uns 5x3cm) e era recebida invertida.

Era este "Gus" Corsépius que resolvia também os problemas eletrotécnicos quando já ninguém o sabia fazer, mesmo em aparelhos das outras companhias. Estudava, remexia e a coisa ficava a funcionar. Um dia entrou no porto um barco com a TSF avariada que ninguém conseguia reparar e chamaram-no. Mexeu e disse que estava bem. Mas não era possível verificá-lo porque não era permitido telegrafar dentro do porto. Assim o capitão insistiu em sair para experimentar. Mas Herr Corsépius garantiu que não era preciso porque estava em condições. Teimaram até que foi resolvido que o navio só sairia depois de descarregar. Quando safu, não voltou... porque a TSF realmente funcionava.

Peggy Wilkins, nascida em 24.8.1903, casou na Inglaterra em 24.4.1926 com Percy Wilkins, empregado da CCC. Vieram para a Horta pouco antes do término desse ano. Quando Peggy chegou, disse a uns amigos que gostaria de experimentar a sensação do que seria um abalo de terra. Experimentou-o logo em Agosto e os amigos acharam que talvez tivesse culpa disso. - Mas não desmoralizou. Escreveu para o "Herald Tribune" oferecendo-se para corresponder e foi aceite. Não só fez reportagens sobre as consequências e situações relacionadas com o sismo, como depois sobre outros acontecimentos de interesse incluindo os voos com projecção internacional que então se realizaram. Por esta actividade por vezes recebia honorários mensais superiores aos do marido.

Mr. Jackson, irmão de Peggy, e a quem chamavam Bill, tinha um "pelo de arame" bem treinado e corajoso. Um dia quando ambos passeavam na doca, Bill viu alguém debater-se no mar. (Um marinheiro português escorregara do cais e

caíra) Deitaram-se ambos ao mar e a nado alcançaram o naufrago. Depois, enquanto Bill a nado o segurava com um braço, o cão com os dentes segurava-o pela roupa e assim os 2 trouxeram-no para terra a salvo. - Ambos foram depois condecorados pelo Governo Português.

Durante o estacionamento da Base Aliada na baía da Horta, na Guerra 39-45, Bill Jackson também fez uma aposta com um dos oficiais da "Esperides", o navio que servia de messe. Apostaram em quem seria capaz de fazer a volta à ilha (54 km) a pé em 6 h ou menos. Partiram do Largo do Infante às 12. Chegaram às 18h. Juntos!

Herr Bodeck, era um alemão de cabeça "quadrada" e grande. Quando nadava e mergulhava nunca tirava da cabeça um chapéu de palha. "Original" era também a forma como passava o domingo: recolhia-se ao seu quarto para onde tinha levado 12 garrafas de cerveja.

O primeiro posto emissor de amadores nos Açores foi o de Mr. Marshall Killen em 1927 com o indicativo CT2AA depois de lhe ter sido atribuído um indicativo da Madeira por ainda não os haver para os Açores. Ele próprio o construiu. Irlandês, veio para o Faial como funcionário da WU, e em 1928, organizou com

Max Corsépius a primeira expedição DX ao cimo do Pico, onde conseguiram contacto com a Noruega. Foram também estes 2 amadores que em 4.7.30 contactaram o dirigível "Graf Zeppelin" quando este passou sobre a Horta.

Max Corsépius teve o 2º posto radio-amador nos Açores, com o indicativo CT2AB, também montado por ele. Mantinha contactos com todo o mundo e foi a 1ª emissora a lançar para o ar, em 1936, uma emissão que podia ser ouvida nos rádios locais. Tratou-se de um concerto pela "Horta-Band" da DAT.

- Como locutora de notícias ou poesia tinha por vezes a colaboração da poetisa Josefina de Canto e Castro.⁹

8. Festas

A nível mais restrito, quem queria ouvir música e tinha um gramofone, dava à sua manivela, colocava no prato um disco de 78 rotações cuja música duraria

⁹ As instalações desta emissora, numa barraca anexa à casa onde residia, foram encerradas e lacradas no início da guerra 39-45 pelas autoridades portuguesas, não tendo voltado a funcionar.

provêrbio. Procurava-se assim junto de uns e outros, encontrar formas de contactar e conviver.



12. Uma festa de Natal na "Casa Alemã" com a presença de faialenses, 1927

Com todas estas festas, calcula-se a preocupação que deveria haver para que o vestido e os acessórios fossem próprios da ocasião e não se repetissem muito. As "toilettes" em moda eram leves e de saia cobrindo o joelho apenas, contrastava com as grossas meias claras e os sapatos escuros de perilha em volta do torneselo. Para os bailes de maior brilho, algumas senhoras no entanto, transportavam os sapatos no sapateiro, forrando-os de brocado, e algumas senhoras casadas com um estrangeiro, quando iam com eles a férias, compravam "lá fora" alguns até forrados a lantejolas! - De resto consultava-se a "Moda Ilustrada" mas também se tinha acesso ao "Ladies Home Journal", das inglesas, e à "Frau- und Kindermode", alemã, de que às vezes se aproveitavam os moldes incluídos.

Data dessa época também o aparecimento do S. Nicolau - o "Heiliger Nikolaus" entre os alemães - mas que "actuava" na noite do seu dia: 7.12.- deixava aos pés da cama das crianças um prato com nozes, bolachas e rebuçados. Esse costume não "pegou" entre os portugueses. Quem depois deixava os presentes debaixo

da árvore na véspera do Natal, era o "Weihnachtsmann" (o homem do Natal), - os ingleses chamavam-no "Father Christmas" - mas o nome de "Pai Natal" entre os portugueses também só muito mais tarde começou a ser usado.¹⁰ Nas famílias com mãe portuguesa, a bonita e aromática criptometria enfeitada discretamente com velas e bolas, continuou no entanto a coexistir com o presépio e, algures na casa, com o altar do menino Jesus, o presépio, as laranjas e os pratinhos de trigo grelado. - Também o "bolo de natal" não era muito usado no Faial, até que o hábito usado pelos estrangeiros das companhias o foi generalizando, mesmo alterando a receita original.

9. As Orquestras

Antes da chegada das Companhias de Cabos Submarinos, havia na Horta a "Orquestra João de Deus" fundada em 1894 e a "Orquestra União Fayalense", além das filarmónicas "Artista Fayalense", "Artista Flamenguese" e a "Unânime Praiense".

Em 1910 constituiu-se então a "Horta Band" alemã, incluindo de início elementos portugueses e que se dedicava a música "séria". No entanto, e dado a animação e os recursos existentes, entre 1925 e 1927, foram aparecendo as orquestras de dança, sendo as seguintes as mais representativas: "Hoc Opus Hic Labor Est" do FSC em 1925, a "Alea Jacta Est" do Sporting Club da Horta, em 1926, e, com 6 elementos, o "Sem Rei Nem Roque" em 1927, integrando o alemão Bertold Schröder, filho do diretor da DAT. Em 1926-27 formou-se ainda a "British Sports Club Dance Band" com 5 elementos, nomeadamente piano (Axxworthy), saxophone (Lawson), violino (Stevens), banjo (Wilkinson) e bateria (Jackson). - Entretanto a "Horta Band" agora apenas com elementos da DAT, também se constituiu em orquestra de dança e, em 1935, reunia 11 instrumentos: sax, trombone, 4 violinos, flauta, clarinete, piano, trompete, e acordeão, tocados respectivamente por: Thimm, Dahms, Corsépius + Büse + Twerdy + Krause, Werneke, Hinz, Gus. Corsépius, Wittenburg e Grötzner. Antes de 1939 estaria no entanto desintegrada.

¹⁰ Como protagonista do actualmente chamado e vulgarizado Pai Natal, era assíduo colaborador, Mr. Dalrymple que, vestido a rigor, não só aparecia nas festas das crianças, mas à noite do dia 24, percorria várias casas das colónias de saco às costas e um ramo de urzes na mão para "castigar" os meninos que não se tinham portado bem.

Tocavam-se os ritmos da época: o fox-trot, o tango-milonga, o passo-doble, a valsa-lenta, o charlston e a valsa. E quem não os sabia dançar poderia, ainda nos anos 40, ter umas aulas com a Snra.D.Maria Cremilde, numa sala da sua casa.

13. A "Horta Band", 1935



13. A "Horta Band", 1935

Entretanto, na passagem do ano seguia-se a tradição inglesa de fazer uma grande roda na sala cantando o "Ole lang sain" e o par que se encontrava frente a frente à meia noite, trocava um beijo.

10. O campo de "Concentrados" durante a guerra 1914-18

Durante a 1ª Guerra Mundial, para além do habitual corte do cabo submarino alemão logo no início, não houve qualquer problema com os cidadãos alemães na Horta. Com a entrada de Portugal na guerra, em 1917, no entanto, este viu-se obrigado a limitar o liberdade dos seus "inimigos" no território, criando para isso 2 campos de concentração no país, um deles em Angra. Foi para esse campo que se fez a deportação dos empregados da DAT alemães e das suas famílias. Aí viveram quase 2 anos. Como, a meu ver, isso faz parte da sua vinda para o Faial

e a forma como reagiram a essa situação, diferente da que levavam na Horta mas afinal também pouco restritiva da liberdade, dando-lhes condições para continuarem a ter iniciativa, organização e vontade de tirar partido da vida, permito-me transcrever as seguintes passagens que se referem a alguns aspectos do referido campo e das vivências dos "concentrados" (termo então usado) escritos por R.Daenhardt, no seu livro "Paginas Secretas da História de Portugal":

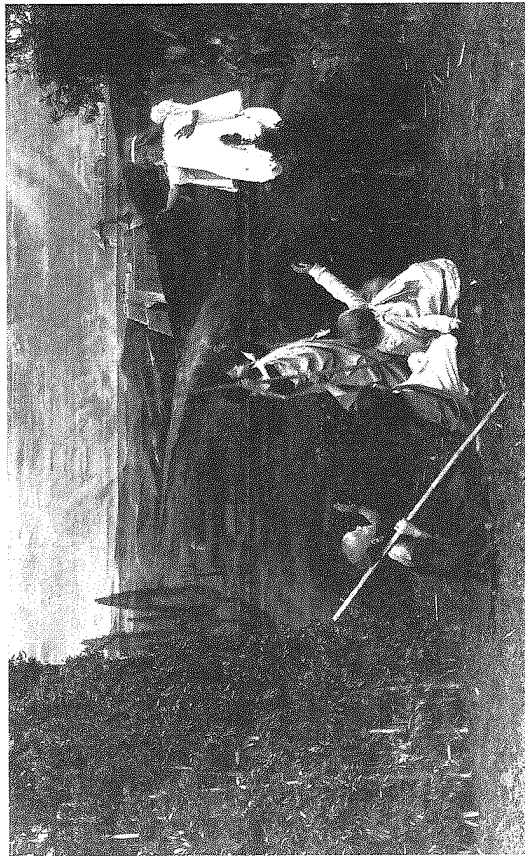
"O maior dos campos portugueses, sob o ponto de vista do número de ocupantes, foi a Ilha Terceira, nos Açores. Utilizou-se a fortaleza de São João Baptista para este efeito (onde já D.Afonso VI tinha estado preso). Esta fortaleza fora construída, na sua maior parte, durante o período filipino, mostrando a interessante característica de ter a sua artilharia apontada sobre a cidade, um factor bem demonstrativo da confiança que a guarnição tinha nos açorianos que defenderam a causa da independência de Portugal mesmo após Lisboa já se ter rendido às forças castelhanas.

Durante a 1ª Guerra Mundial tinham-se refugiado muitos navios alemães nos portos neutrais portugueses, nomeadamente na Horta, Angra e Ponta Delgada, acabando agora por se prender as suas tripulações bem como os alemães e austríacos residentes neste arquipélago e no da Madeira, porque não tiveram tempo de sair dos territórios portugueses. Houve quem dissesse que o campo de concentração português da ilha Terceira se devia ao facto de o Governo de Lisboa preferir que os alemães invadissem os Açores para libertarem os seus cidadãos, do que desembarcassem em território continental português. Mas não me parece que este pensamento tenha muito peso. Aliás, acabou por se transformar a fortaleza de Peniche num outro campo de concentração...

...(Em Angra) Mantinham-se as famílias juntas, em pequenos edifícios, permitindo-lhes as mais diversas actividades desportivas e recreativas como jardinagem, avicultura e horticultura. As restrições eram mínimas, havendo um alto grau de camaradagem entre os presos e os seus guardas.

... As longas salas da fortaleza tinham sido divididas com cordas e ripas, nas quais se penduravam cobertores e tecidos para a criação de espaços particulares, onde cada um se instalou à sua maneira. Vemos fotografias dos presos em competição de natação e saltos dos rochedos altos para a água. Criaram-se equipas que disputavam prémios de atletismo. Criou-se uma orquestra (o seu mestre chamava-se Müller), um grupo coral e outro de teatro. Havia uma grande sala para representações, com um palco que podia ser injeitado por muitas organizações recreativas. Havia também uma sala de modelismo, outra para jogar bilhar e outra ainda para leitura, com biblioteca anexa. Davam-se aulas de música, piano, violino e até para treino de cães!

Instalou-se uma escola para crianças e outra para adultos, onde se davam cursos das mais diversas especialidades, fazendo-se uso dos conhecimentos que alguns tinham, de forma a estimular os interesses dos outros. Havia terrenos próprios para a horticultura e instalação de avicultura. Tinham consultório de dentista, enfermagem, uma barbearia, sapataria, padaria e até peixaria fornecida por peixe apanhado à linha pelos presos....“



14. No Campo de Concentrados em Angra: auto de Natal pelas crianças, 1917

Contaram-me ainda na Terceira, que os “prisioneiros” que tocavam instrumentos de música, eram por vezes convidados por famílias residentes em Angra, para abrilhantarem as suas festas, tendo lá deixado algumas amizades.

11. As crianças, a sua educação e as suas festas

Se bem que o auge da vida das companhias tivesse sido por volta de 1928, em que se calcula a existência de uns 170 estrangeiros das “companhias” na Horta, talvez fosse a meio dos anos 30 que o número de crianças, era mais acentuado. Principalmente crianças com menos de 10 anos e mesmo com menos de 5 resultante não só dos casamentos mistos que se realizaram nos anos 20 e 30, como dos jovens casais estrangeiros que aí residiam com as suas famílias. Eram umas

50 crianças e basta ver uma foto do 6º aniversário de Doreen Coghlan, com 27 crianças, desde bebês a pré-adolescentes - sendo apenas 2 locais - para se calcular o “ruído” dessas festinhas. Mas o que serão crianças “locais” afinal, se a maioria tinha nascido na Horta e 18 dessas tinham mãe fatalense?

Eram festas de anos quase sempre bem organizadas onde as crianças não eram abandonadas, digamos “entregues” à sua iniciativa, imaginação ou talvez tédio. Chegavam à hora indicada no convite entregue com antecedência pelo aniversariante, e a festa desenrolava segundo um programa feito previamente e com jogos orientados pelos adultos: rodas, dança das cadeiras, cabra cega, adivinhas, etc. Depois vinha o lanche com todos sentados em lugares marcados tendo ao lado do prato, se a festa fosse perto do Natal, um “cracker”- rolo de papel de onde saía uma surpresa com um puxão das extremidades dando um estouro: um chapéu de papel que se punha na cabeça. Na frente de cada um: uma taça de gelatina, mesmo para os que não a apreciavam, mas tinha de se comer. Depois continuava a brincadeira e à hora estabelecida ia-se para casa.

Durante o dia brincavam uns com os outros deslocando-se aos bairros das residências respectivos - os rapazes entusiasmavam-se com os comboios elétricos “Märklin” ou barcos e aviões da “Dinky Toys”, que alguns pais lhes tinham oferecido; as meninas com bonecas, pequenas mobílias de vime ou madeira e loiçinhas. Ao ar livre faziam-se corridas, patinava-se nos campos de ténis, andava-se sobre os muros ou trepavam-se árvores. Às vezes os mais pequenos tinham oportunidade de andar devagar sobre um cavalo que o António do Pico,



15. Quando a Doreen fez 6 anos, 1936

que também vinha vender leite, emprestava e guiava pelas rédias. Os mais velhos então alugavam-lhe um às vezes, quando já se aguentavam na sela, aventurando-se a correr pela rua Consul Dabney. A língua falada era o inglês, e assim, quem não era inglês, aprendia-o falando e convivendo.

Quando chegava a idade da escolaridade, o problema já era maior porque nem todos os britânicos tinham vontade de enviar os filhos para a escola portuguesa.

Mas algumas crianças - em especial os filhos de mãe portuguesa tinham aulas com as Srras. Moitoso, Maria e Filomena, que também davam aulas de português a alguns ingleses adultos, ou então os pais levavam-nos para a Inglaterra e a educação prosseguia num colégio com internato. Outras vezes aguardavam o fim da sua comissão para tratar desse aspecto quando regressassem ao seu país. - Já com as crianças alemãs a situação era privilegiada pois fazia parte da legislação do país que, onde se encontrassem crianças alemãs, aí deveria haver um professor para elas. Assim,

era num pequeno edifício com uma porta e duas janelas, junto a outro igual onde funcionava a carpintaria da DAT com os mestres Almeida e Pereira¹¹ que fun-

¹¹ Localizava-se na Colónia Alemã passando um pequeno portão abaixo da 1ª casa e acima da actual árvore "umbú". - De um lado da sala alinhavam-se as carteiras, do outro uma barra para ginástica. A um canto um lavatório com jarro e balde. As "necessidades" faziam-se antes ou depois das aulas, ou, em caso de aflição, ia-se a uma das casas próximas ou para o meio dos milhos cultivados onde hoje é o bairro do Fundo de Fomento.

cionava a "Deutsche Schule Horta" com 1 professor vindo expressamente da Alemanha. De 1934 a 1938: Herr Büse e depois até 1943: Herr Engelmann. Davam os programas do ensino alemão, de início só a 5 dos filhos dos empregados e, depois de 1941, apenas a 3, tendo estes concluído o 7º ano de escolaridade. Entretanto em 1937 tinha vindo juntar-se a essas crianças, uma criança inglesa, a Helen Wilkins, e depois outras, filhas de funcionários das outras companhias, nomeadamente 5 inglesas e 2 canadianas: o David, o Graham, o Ian, a Daphne, a Elizabeth, a Eileen e o Raymond. (Lista das crianças estrangeiras, anexa). Algumas continuaram a frequentar essa escola mesmo após a eclosão da guerra entre as nações dos seus pais e a Alemanha. Consideravam os pais que a escola tinha qualidade e que isso nada tinha a ver com as divergências políticas. Foi a pressão dos superiores que em 1941 os obrigou a retirar os filhos da escola alemã.



17. A "Escola Alemã" na Horta, 1937

Eram dadas 4 horas diárias de aulas com a elasticidade suficiente para permitir, a inclusão de ginástica feita dentro do edifício ou, com bom tempo, de pés descalços no grande relvado com espaldar e baloiço defronte da escola, prática de tenis, patinagem e natação (com provas anuais), aulas de música em que se tocava flauta de bisel, religião, algumas caminhadas para o campo às vezes de vários km e horas de duração: Caldeira, Morro de Castelo Branco, Salto dos Flamengos, etc. e, às vezes, um jogo de xadrez. Mais tarde foram ainda inclui-



16. O "António do Pico", 1938

das aulas de estenografia. Era uma educação global por um professor de quem as crianças gostavam.

O "Hall" da WU - assim se chamava o pequeno edifício no centro do bairro residencial - destinava-se a pequenas festas e encontros, sobretudo no Natal. No início dos anos 30 e até 36 no entanto, também aí se deram aulas de ballet, ministradas por Miss Liversage, filha do gerente da Casa Bensaúde. Sendo pagas, eram frequentadas por cerca de 10 filhas dos empregados de todas as companhias, chegando a darem pequenos espetáculos no palco do "Amor da Pátria".



18. O grupo de "ballet" no "Hall" da WU, 1935

12. Influência sócio-cultural noutros sectores. - Projeção do Faial

Infelizmente não conseguiu ter conhecimento de muitas actividades que os residentes estrangeiros tivessem tido durante a sua permanência no Faial, a nível individual e extra-profissional e realizadas no interesse da comunidade local. Isso independentemente do seu empenhamento geral, é claro.

Faça-se uma excepção a Mr. S. Weston que, já aposentado, além de uma pequena história sobre algumas das ilhas dos Açores, elaborou uma separata sobre a história dos cabos submarinos na Horta, (v. Bibliografia), e ainda um caderno em

inglês com informações sobre algumas plantas do Faial destinado aos curiosos. Foi ele também que, com Herr Grötzner, procurou junto dos responsáveis oficiais, a organização do antigo material da Estação de Cabos Submarinos de forma a reconstituí-lo num museu ou sala de museu que recordasse essa época no Faial. Ambos entretanto morreram sem que nada fosse feito.

Por outro lado é lógico que um maior domínio da língua portuguesa permitia também uma maior penetração pontual na sociedade civil. É o caso de alguns alemães que a dominavam razoavelmente e podiam assim pôr à disposição de quem o precisasse, os conhecimentos técnicos que tinham. Refiro-me por exemplo, à notícia num dos "Telegrapho"s de 1933, aquando da inauguração das novas instalações do "Amor da Pátria". Escrevia, que fora concedido, com "estrondosa salva de palmas" da assistência, o título de sócio honorário a Max Corsépius, pela orientação dada na instalação eléctrica do edifício. - Foi também o mesmo alemão que serviu de intermediário na compra dos motores que foram instalados nos iates do Pico: "Ribeirense" e "Sto. Amaro"; na compra do aparelho de Raio X para o hospital continuando a dar o apoio técnico gratuito na sua manutenção/reparação, e ainda na orientação e aquisição de material incluindo o gerador que possibilitou a exibição de filmes sonoros no Teatro Faialense a partir de 1933. Apoiou ainda a aquisição e fez a instalação gratuita de um dínamo para eletrificação e projecção de filmes na sociedade "Tuna Liberdade" da Lombeiga, freguesia de Castelo Branco, então animada pela intervenção dos irmãos e padres Ávila.

À laia de parêntesis refiro a uma possível abertura à tolerância religiosa que pode ter existido devido aos casamentos interconfeccionais realizados, mas se a houve terá sido pouco consciente, já que a educação religiosa das jóvens devia ser muito escassa.¹²

Faço também uma referência ao racismo que se conhece latente nas potências colonizadoras (a portuguesa em menor grau), donde provinham afinal os empregados das companhias. Assim arrisco a conjecturar, se por ventura uma atitude dessas, teria existido nesses jóvens, de forma a influenciar o chauvinismo ainda hoje inegável numa certa camada social hortense - principalmente em relação à

¹² Estes casamentos podiam tomar aspectos diferentes, caso a caso. Em comum tinham um pedido de autorização ao bispo, mas a cerimónia podia realizar-se à porta da igreja e sem subir ao altar, ou mais discretamente em casa. Além disso havia naturalmente ainda a assinatura de papéis no Consulado e no Registo Civil.



19. Um casamento interconfeccional, 1926

raça negra. Será que esse “distanciamento” tem apenas raízes atávicas no contacto durante gerações quase limitado a indivíduos escravos (que ainda os havia no Faial no séc.XVIII) e a marinheiros de baleeiros? Humilhantemente ainda há poucos anos li um artigo em que os negros dos barcos eram referidos por “pretalhada”, por um estudioso faialense! Vem-me à mente se essa atitude - que envergonharia qualquer pessoa tolerante - não pode ter sido reforçada pelos convívio com empregados estrangeiros, já que, sendo uma aberrante “dissonância” para uma Horta “cosmopolita”, lamentavelmente parece aqui mais forte do que noutras comunidades portuguesas.

Como aspecto positivo, por outro lado, será desadequado referir abertamente que talvez também tenha havido alguma alteração, por imitação dos hábitos ingleses, na higiene e cuidado corporal? Por exemplo a escovagem de dentes, depilações, etc.? Fá-lo-iam as “meninas” da Horta anteriormente do mesmo modo?

Numa espécie de “troca” destes hábitos, abordo com certa ironia o facto de que a utilização do “nosso” bidé talvez continuasse a ser ignorado por muitos estrangeiros quando o encontraram instalado nos quartos de banho das suas casas na Faial. Ainda hoje ele não existe na maioria das casas alemãs ou inglesas, por exemplo, ainda que nos interroguemos como é possível passar sem este objecto. Mas é também interessante verificar que mais tarde no regresso ao seu país, alguns estrangeiros que conheço passaram por outro lado a querer incluí-lo nas suas instalações, referindo-o até com uma certa vaidade.

Ainda quanto a hábitos de higiene - e os alemães não seriam excepção - tomava-se o banho geral ao sábado. Compreende-se pelo trabalho que dava aquecer muita água nos fogões que só havia a lenha, e nem existia tão pouco a alternativa do chuveiro. Mas havia preocupação com a limpeza da casa, para o que tinham criadas. Além disso havia o “João da Terceira”, uma figura que em dias certos percorria as casas da DAT para a lavagem dos soalhos com sabão e escova. Baixo e forte, transportando um balde, talvez fosse o único “empregado de limpeza” que, até hoje, tenha existido no Faial!

São pequenos factos que aqui refiro em que alguns poderão ser apenas rastros de hipotéticas influências de uma comunidade com “status” suficientemente forte para suscitar o desejo de imitação.

Dentro desta influência é natural admitir que as/os jovens que conviviam com os estrangeiros de língua inglesa, ficassem a dominar esta língua bastante bem. Não havia, naturalmente, a abundância dos termos depois trazidos pela comunicação social e pela informática, limitando-se por assim dizer, a palavras rela-

cionadas com utensílios até então desconhecidos, tal como o vocabulário por vezes “integrado” por emigrantes e por isso pronunciado “como lá se diz”. Mas parece ter ficado um rasto desse hábito, pois mesmo mais tarde, quando surgia um objecto novo, algumas contemporâneas do convívio antigo teimavam em referir-lo à inglesa. Assim, o vidro refratário, não era um Pyrex mas um “pairex” e o célebre “Tide” (de lembrar que o detergente em pó era desconhecido anti-gamente) era obviamente “taide”.¹³

Relativamente à projecção exterior do Faial, talvez também os alemães o tivessem conseguido de uma forma mais prática mesmo que, em parte, isso fosse forçado por uma certa “obrigação” imposta pelo regime político vigente no seu país. Acontecia isso, por exemplo, aquando das visitas do barco de “trabalha-dores” apoiados pelo organismo estatal “Kraft durch Freude”, em 1935, ocasião em que a representação alemã na Horta distribuiu literatura de boas-vindas pelos passageiros, dando a conhecer aspectos de interesse do Faial: o seu povoamento, a caça à baleia, os trabalhos manuais, costumes, posto metereológico, etc.. Infelizmente também uma referência ao grande analfabetismo na ilha (embora na altura, fosse o concelho do país onde este era mais reduzido). - De resto eram também os alemães da Companhia que davam grande apoio à tripulação dos navios e aviões quando se realizaram entre 1936 e 38 os vôos catapultados da Lufthansa, tendo sido esse aliás um dos factores que contou para a escolha da Horta para essas carreiras.

13. A “decadências” das Companhias e o seu fim

Já antes da guerra 14-18 as companhias americana e inglesa começaram a admitir funcionários portugueses. Eram-lhes exigidas menos qualificações que aos ingleses e davam-lhe o treino suficiente para os preparar bem, poupando-se não só com ordenados mais reduzidos, como por ser desnecessário a sua instalação em casas, quer de solteiros quer nas unifamiliares, fossem elas de madeira, na CCC, nos belos “Bungalows” da “Eastern”, ou ainda nas casas da WU.

Para os jovens da Horta era no entanto um emprego apeteçível dado receberem ordenados superiores ao mercado de trabalho local e proporcionarem estabe-

¹³ Mas afinal também não há ainda hoje muito português a preferir, por exemplo, dizer “slaide” em vez de diapositivo, e “poster” em vez de cartaz ?



20. Os empregados da CCC na reta final desta companhia na Horta

lidade, apesar de não haver contrato de trabalho. Assim, por volta de 1939, a CCC, por exemplo, tendo reduzido grandemente o seu pessoal, contava com 8 funcionários britânicos - 4 já casados com faialenses - mas 11 faialenses. A DAT, que desde tempos remotos apenas tinha 2 funcionários portugueses mas 17 alemães, em 1943 estava, também reduzida a 11 alemães e 1 português.

Foi nesse ano que se deu a 2ª deportação dos alemães das companhias. Estava-se na guerra 39-45 e não havia campos de “concentrados” como na 1ª Guerra Mundial. Mas foi inesperadamente na tarde de 2.10.43 que um poletão dos militares portugueses estacionados no Faial, fechou as saídas da DAT, dando-se a informação aos funcionários alemães que seriam evacuados com as suas famílias na madrugada seguinte. - Como é compreensível, as poucas horas que se seguiram foram de desnotamento, no desconhecimento do destino a dar a bens que gostariam de salvar: roupas, serviços de loiça, talheres, por exemplo, já que nada podiam levar consigo. Alguns tiveram assim a ideia de enterrar objectos nos quintais para eventualmente os recolher mais tarde, sendo isso apenas do conhecimento de algumas empregadas domésticas. O que depois se conseguiu “recuperar” e por quem, ficará no segredo de alguns.

Alguém ainda passou a pedir licença aos soldados que guardavam a Colónia Alemã para, de vez em quando, levar comida a um gatinho riscado que também teve de ser abandonado.

Quanto aos 26 cidadãos alemães (adultos e crianças), foram transportados num contratorpedeiro português conjuntamente com os tripulantes do carregueiro alemão "Luise Bornhofen", que se encontrava retido no porto da Horta desde o início da guerra. Foram para S. Miguel, onde ficaram bem instalados por algumas semanas no Hotel Terra Nostra nas Furnas. Depois, conforme a sua situação e opção, seguiram para Lisboa ou para a Alemanha.

E alguns anos mais tarde, chegou também o dia em que os ingleses tiveram de encerrar as suas instalações na Horta porque as transmissões via satélite e cabos telegráficos tornaram os cabos submarinos obsoletos, e foi então dada a oportunidade aos empregados portugueses de escolherem entre a reforma antecipada, e a transferência para outras estações como Londres, Porto Rico, Porthcurno, etc. o que alguns aceitaram.

Foi em 18.12.1969 que a "Cable & Wireless" deu a sua festa de despedida encerrando-se assim a época dos cabos submarinos na Horta, época que de certo lhe deu uma característica de cidade cosmopolita.

14. Considerações finais

Depois disso, parece que nesta ilha morreu o ânimo que lhe davam os estrangeiros das companhias, uma força para o desporto que não só o futebol e o andebol, mas uma vontade de viver um certo estilo de convívio activo, variado, acompanhando uma abertura de mentalidades num interesse comum.

Os edifícios foram comprados por diversas entidades, alguns foram transformados, e as casas de madeira da CCC e da DAT desapareceram. Alguns jardins foram destruídos, como o belo jardim da Fredónia¹⁴ e da Eastern, e em parte

¹⁴ Cerca de 1900 escrevia uma descendente dos Dabney numa visita ao Faial, que o Jardim da Fredónia... "deu prazer a muitos... nele uma pessoa caminha por veredas sombrias ladeadas de fetos altos... e ao longo de caminhos soalheiros por entre as mais lindas rosas, palmeiras e cameléiras, grevilias de flores douradas, o álamo de folhas prateadas... a cheramoia de deliciosos frutos brancos, as laranjeiras, os limoeiros, as árvores tropicais entre outras de climas nórdicos..."

ocupado pela enorme construção do pavilhão desportivo. Quase todas as belas árvores plantadas pelos Dabney foram abatidas incluindo duas das enormes araucárias; foi destruído o mosaico com as iniciais da DAT à entrada do bairro residencial¹⁵; dos campos de tennis restam 2 e se são ainda alguns que o praticam, porque até existe uma escola de tennis para os mais novos, a ausência de raparigas nessa modalidade é paradigmática. Outras modalidades deixaram de se praticar ou quase só são mantidas a nível do ensino ou por altura da Semana do Mar. - Até o "bridge" que animava alguns serões "mistos" (com locais e estrangeiros) durante e após a guerra, deixou de se jogar.

Parece que houve uma espécie de mergulho numa vida sem interesses culturais, dominada pelo consumo passivo de programas de TV e em que qualquer iniciativa do foro artístico-cultural por alguns (Conservatório, Casa da Cultura, ou outros: concertos, teatro, conferências, etc.) é ignorado pela maioria tendo um simulacro de interesse - e presença - apenas quando está envolvido algum parente ou amigo. Vai-se por causa dele e não para viver o evento em si. Porque quem continua a aparecer por esse motivo, além dos poucos e sempre os mesmo do Faial, são na maioria, estrangeiros que aí residem ou que estão de passagem.

Será que a maioria dos faialenses quase só têm interesses culturais quando arrastados por estrangeiros? "Sempre assim foi", diz-me um amigo da Horta, rindo. Será?

Yolanda Corsépius
Maio 1999

¹⁵ Escrevi ao Presid. da CM da Horta em Fev. 97 a propor a sua reposição, aparentemente tão fácil, oferecendo a possibilidade de participar na despesa, caso fosse necessário. De início mostrou-se interessado, mas depois, com o argumento de não encontrar uma fotografia que mostrasse o original, nunca mais deu notícia sobre o assunto e, até hoje não se fez nada.

BIBLIOGRAFIA E OUTRAS FONTES DE INFORMAÇÃO

- Arquivo da Biblioteca Pública da Horta: Casamentos, Freguesias da Conceição, Matriz, Angústias, vários anos entre 1860-1910
- Conservatória do Registo Civil da Horta: Casamentos 1911-1936, freguesias da cidade
- Dabney R. & Cunningham H. - Um Açor brilhante e distante, in: periódico não referido e s/data ou editor
- DAT - Anstellungsbedingungen für Auslands-Angestellte, 1932 (fotocópia)
- Daenhardt R. - Páginas Secretas da História de Portugal, Ed.Nova Acrópole, Vol I, Maio 1993
- Grötzner - Informações em conversa particular
- Kaiserlich Deutsches Vizekonsulat Fayal - Informações dadas aos empregados da DAT (folhas dactilografadas s/data)
- Silveira, Carlos - Informações em conversa particular
- Stuetzpunkt Horta der Deutschen Berufsgruppen DAF - Die Azoren - Für die Teilnehmer der "KDF" Fahrt nach den Azoren, 1935
- "O Telegrapho", 1893-1898
- "O Telegrapho" de ? 1933 - Nota sobre a inauguração do "Amor da Pátria"
- "O Telegrafo" de 1 e 2.8.1992 - Marshall S.Killen - Reportagem
- Rogers, Francis M. - A Horta dos Cabos Submarinos, Ed.da Delegação de Turismo da Horta no 150º aniversário da elevação da Horta a cidade, 1983
- Vieira, A. B. da Fonseca - O Desporto na Horta, Ed. da "Horta Desportiva", 1933
- Weisfeld, M. - Das Azorenkabel verbindet Emden mit New York, in: Archiv für deutsche Postgeschichte, Heft 1/1992, pg.61
- Weston, F.S. - Os Cabos Submarinos no Faial, Separata do Vol.3, nº 2 do Núcleo Cultural da Horta, 1963
- idem - Informações em conversa particular

Anexo I

CASAMENTOS REALIZADOS ENTRE FUNCIONÁRIOS ESTRANGEIROS DAS COMPANHIAS DE CABOS SUBMARINOS E RESIDENTES NA HORTA, 1894 - 1967

Nome do Funcionário	Nacionalidade	Nome da Portuguesa	Ano	Observações
De Roth (?)	alemão	Ana Cardoso	?	Primeiro casamento deste género, na Horta
James Dalrymple	escocês	Maria Lacerda	?	
George Mackay	inglês	Caroline Diskott	1901	Inglesa residente (1)
Harry Houghton (pai)	"	Isabel Morrisson	1903	
Ansell	"	Mª Conceição Ribeiro	?	
John Remine Winthrope	escocês	Emma Correia	1905	Irmã de Hortênsia C.
Philippe George Langston	inglês	Leonor S.Laranjo	?	
Edward Sords	irlandês	Adelaide Camerlyck Rosa	1907	
Wilson	inglês	Maria Dimiz	?	
William Hayes	irlandês	Olga Greck	1908	Maltesa residente (1)
Alfred Moll	alemão	Guotomar Melo	1908	
Otto Schröder	"	Branca Silva	1910	
		Maria Regina Melo	1945	2ºcasam., dp.de viúvo
Richard A. Peck	inglês	Helena Mª C.Magalhães	1916	Alice, Helena, Maria e Emma eram irmãs
Baker	"	Mª Magalhães	?	
Evans	"	Emma Magalhães	?	
Transfield	"	Olivia Cunha	?	
Harry Wilkinson	"	Josephine Liversage	?	(1)(2)
John Hardy	"	Júlia Noronha Guerra	1910	Empregado da DAT
Otto W.Carl Schultz	alemão	Lina Dart Cunha	1914	
Fragely	irlandês	Clara Dart	?	
Harold Smith	americano	Helena Avelar Perry	1916	
		Mª Emília Statmiller		
Max Corsepilus	alemão	Sald.e Albuquerque	1925	
Anton Günther	"	Hortênsia G.de Medeiros	1926	
"	"	Alice Magalhães	?	
F.Stanley Weston	inglês	Maria Brum	1928	2ºcasam., dp.de viúvo
Bernard Eug.Baumann.	americano	Leonor A.da Silveira	1926	
		Rosa de Sousa Espinola	?	Construtor das casas da W.U.- não era funcionário dos C.Subm.
Frederick W.Coghlan	inglês	Margarida A.da Silveira	1927	Margarida, Leonor e Julieta eram irmãs
Davies	"	Mª Josefina Correia	1927	Irmã de Telma Corr.
Watkins	canadiano	Útília Furtado	?	

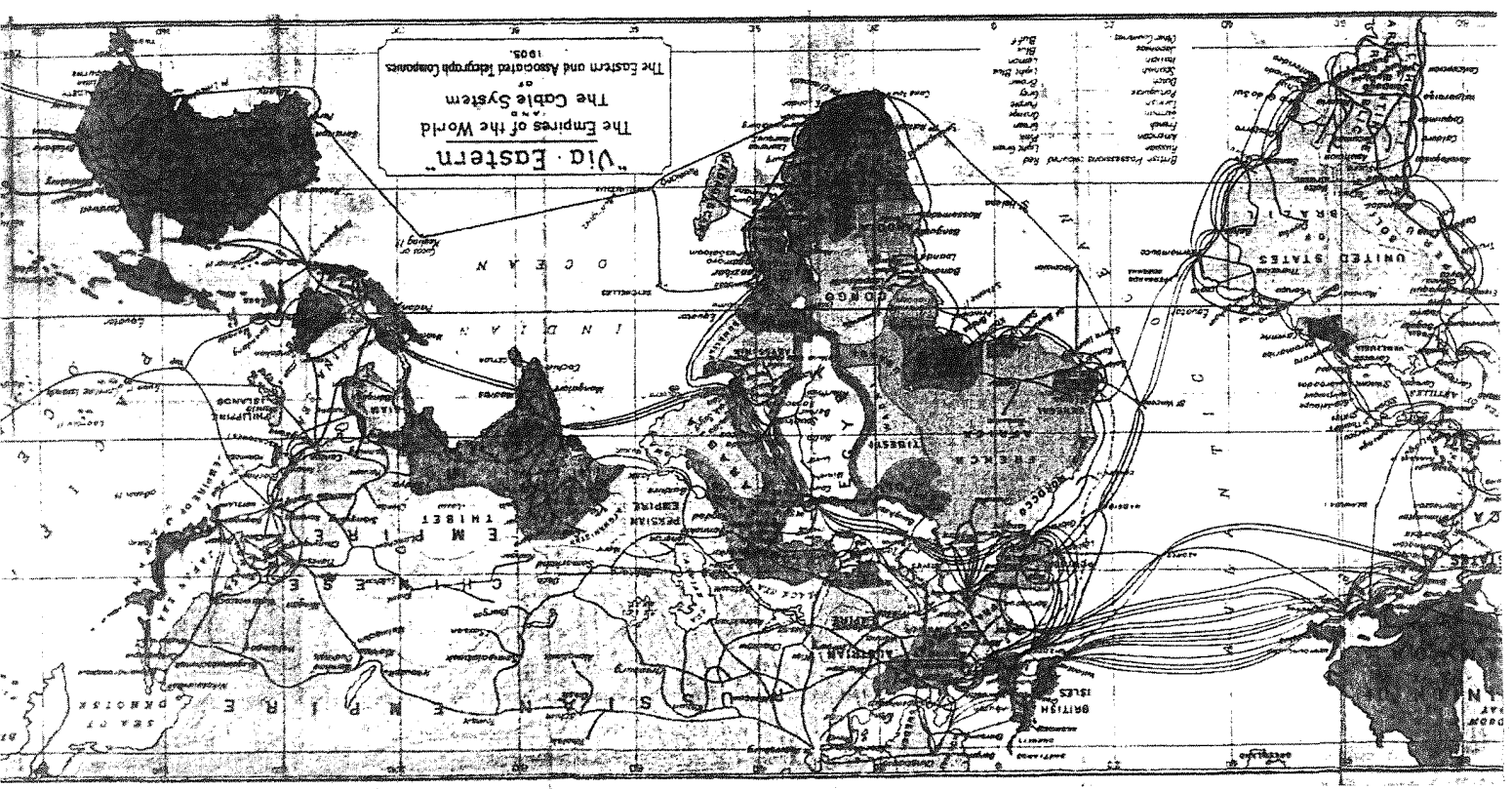
Shanahan	irlandês	Telma Correia	1927
Robert Fielding	inglês	M ^{te} Helena Forjaz Lacerda	
		Nóbrega	1927
Leslie James Dickinson	"	Alvarina Lac. Nobrega	1928
Cecil William Wingett	"	Etelvina Lima	1930
James Ed. Rice Jr.	americano	Julietta Augusta Silveira	1931
Karl Krauss	"	Hortênsia Cunha Correia	1932
William Lawson	inglês	Maria Isabel Cristo	1932
Dickinson	"	Etelvina(?) Nóbrega	?
Harry Houghton	"	Lusa Garcia	1933
"	"	Lúgia Garcia	1948
		2 ^o casam.,dp.de	
		divórc.	
Gus.H.W.Otto Böwe	alemão	Telma Medeiros	1935
Werner W.Feldmann	"	Lídia Machado Soares	1935
Karl-Heinz Grötznert	"	M ^{te} Hortênsia Melo	1936
Roland Collicot	irlandês	Fernanda Évora	1955
William Jackson	inglês	Jesuina Sarmento	1962
John Ross	"	M ^{te} Noémny Coelho	1967

Total de casamentos: 44 (com ingleses 23 ; com alemães 11 ; com irlandeses 3; com americanos 4; com canadianos 1; escoceses 2)

(1) Não incluídas no total por não serem portuguesas.

(2) Josephine Liversage era filha do então gerente da Casa Bensaúde. Até 1936 ensinou balé no "Hall" da W.U. a filhas de empregados de qualquer das companhias.

Nota: Emmanuel R.Parkinson, inglês, pediu em casamento em 1896, Alice Bett Correia e Ávila, mas este não se realizou.



CONDIÇÕES DE CONTRATO PARA ADMISSÃO COMO FUNCIONÁRIO DA COMPANHIA NO ESTRANGEIRO

Deutsch-Atlantische Telegraphengesellschaft. (Tradução de Y.C.)

1. Duração do Contrato

A duração do contrato é, em princípio de 3 anos a contar de... a ...

No caso de não haver renúncia por parte de uma das partes, o contrato prolongar-se-á automaticamente por mais 1 ano. Qualquer renúncia tem de ser efectuada por escrito com 6 meses de antecedência. - Considerando o custo suportado pela companhia com as férias do funcionário na Pátria, e de acordo com o #5, é excluída a hipótese de um pedido de rescisão por qualquer das duas partes antes de 2 anos após o regresso do funcionário à estação no estrangeiro depois de férias.

2. Vencimento

O vencimento dos funcionários durante a sua estada no estrangeiro é constituído por um subsídio de deslocação acrescido ao ordenado igual ao do funcionário público correspondente. O pagamento efectua-se no fim de cada mês, caso não haja circunstâncias imprevistas que adiem essa possibilidade. Para o cálculo do pagamento em divisas estrangeiras, será utilizado o câmbio em vigor no fim do mês correspondente. No estrangeiro será proporcionado alojamento gratuito ou, na ausência deste, um acréscimo ao ordenado mensal que, no geral, não exceda o subsídio a um funcionário na Alemanha com a mesma categoria e em deslocação. Aos funcionários casados será acrescido ainda um subsídio de deslocação de 25%; por cada filho será dado um subsídio especial. A qualquer alteração da lei ou de decreto-lei referente a provimentos que ocorram na Alemanha, corresponderá idêntica alteração nesta situação.

3. Localização do trabalho

A companhia reserva-se o direito de transferir o funcionário para outra estação ou o seu regresso à Alemanha. No caso de transferência, serão pagas as despesas de viagem e de mudança do funcionário e da sua família. Na nova localidade de trabalho será pago, desde o dia da chegada, o ordenado correspondente à categoria e posto de trabalho nessa localidade.

4. Doença

A estação no estrangeiro terá um médico para atendimento em caso de doença do funcionário ou da sua família. - A ausência de serviço por motivo de doença será contada desde o 1º dia de ausência, mantendo o direito ao vencimento e subsídios durante 6 meses. Isto é válido também no caso do médico indicar a necessidade de transferência para a Alemanha. No caso de não regresso à capacidade total de trabalho depois de 6 meses de doença, de modo a que o trabalho possa novamente ser assumido, é rescindido o contrato de trabalho. A companhia pagará ainda 3 meses de vencimento completo correspondente ao do país, de acordo com os decretos de Berlim, e mais 3 de metade do vencimento. Neste caso não haverá direito a férias.

5. Férias e reembolso de férias.

Os funcionários no estrangeiro têm direito, anualmente, a 1 mês de férias que, em regra, serão acumulados no mínimo de 3 anos e que poderão então ser gozados na Alemanha. Os dias de viagem para a Alemanha contam como dias de férias, mas não os dias de regresso. Pedidos de adiamento serão cuidadosamente analisados e respeitados de acordo com as possibilidades. Por outro lado, a companhia poderá também estabelecer a data de férias dos funcionários por motivos justificáveis. A companhia reserva-se o direito de descontar nas férias, no todo ou em parte, uma ausência de serviço prolongada por motivos de ordem particular.

Durante as férias mantêm-se as condições relativas ao ordenado e subsídios. No caso do funcionário desejar passar as férias na Alemanha depois de um mínimo de 3 anos de serviço, a companhia encarregar-se-á de lhe fornecer as passagens a tarifa mais económica. Esta consistirá no seguinte:

- 1. Viagem de barco, em 1ª classe e comboio em 2ª classe. Funcionários com menos de 30 anos completos só têm direito a viagem em 2ª classe de Lisboa (ou Vigo) para a Alemanha em 3ª classe de comboio dentro da Alemanha.
- 2. Despesas de embarque e desembarque, transporte de bagagem, passe, etc.
- 3. Hotel de nível médio, sem refeições, para as estadas necessárias durante a viagem.

No caso do funcionário ser casado, a companhia pagará metade das despesas da mulher na viagem para a Alemanha. A totalidade das despesas com a mulher serão pagas quando as férias no país se efectuarem depois de 4 anos de trabalho na estação. Não serão pagas quaisquer despesas efectuadas pelos filhos.

6. Viagem de regresso à Alemanha findo o contrato de trabalho.

Quando o funcionário terminar o seu contrato ou como referido no #4 tiver de sair da companhia e efectuar o regresso à Alemanha dentro de 3 meses após terminado o contrato, a companhia tomará a sua carga as despesas de viagem assim como da família segundo o ponto 3 do #5. A duração do regresso será descontada nas férias a que ainda tiver direito. Aos funcionários casados com casa posta, será dado um subsídio de mudança ou de indemnização por desvalorização pela venda da casa no valor de 1000 marcos.

7. Prendas

Nenhum funcionário poderá receber qualquer tipo de ofertas relacionadas com o seu cargo ou posição sem autorização da companhia.

8. Especulação na Bolsa, etc.

A participação na Bolsa ou noutras especulações, assim como o comércio ou lucros, são interditos sem autorização da companhia.

9. Segredo Profissional

Os funcionários têm de manter rigoroso sigilo para quem quer que seja sobre o conteúdo de telegramas, no todo ou em parte, que sejam do seu conhecimento durante o seu exercício ou qualquer outra situação de trabalho. O não-acatamento desta disposição poderá implicar uma demissão imediata.

10. Campo de atuação

A companhia determina as funções de cada funcionário. Este deverá cumprir as suas obrigações da melhor forma. É seu dever respeitar as ordens e regulamentos estabelecidos.

11. Generalidades

Além de estar sujeito à Direcção de Berlim, o funcionário está sujeito ao diretor da estação telegráfica na qual trabalha ou ao seu substituto, tendo de respeitar as suas ordens. O diretor faz o plano de trabalho. Tanto a companhia como o diretor ou o seu substituto têm direito de exigir multas em dinheiro por não cumprimento de ordens ou regulamentos, faltas ou transgressões. A repressão

do não-cumprimento de horários ou a desobediência a ordens gerais ou específicas de superiores, dá direito à companhia de despedimento imediato do funcionário.

12. Comportamento

O funcionário deverá procurar ter um comportamento irrepreensível tanto no serviço como fora dele. No caso do seu comportamento lesar o bom nome da companhia ou do restante pessoal da estação, a companhia tem o direito de o despedir imediatamente.

13. Pensão de Reforma, Seguro, etc.

O funcionário entra na Caixa Nacional dos Funcionários, de acordo com o estabelecido por lei, pagando metade da sua quota enquanto a outra metade é paga pela companhia.

14. Casamento

O funcionário é obrigado a obter, com antecedência, autorização para casar. Esta autorização, no geral, não é concedida antes do funcionário atingir os 26 anos; poderá também ser recusada no caso da origem da rapariga ou o seu comportamento poder prejudicar o bom nome da companhia ou dos seus funcionários. No caso do casamento se realizar sem autorização da companhia ou antes da autorização ter sido dada, a companhia tem o direito de despedir o funcionário sem pré-aviso.

15. Despedimento

No caso do funcionário ser despedido ao abrigo dos # 9, 11, 12 ou 14, a companhia procurará, em caso de necessidade, custear o regresso à Alemanha pela via mais económica. Noutros casos, qualquer direito do funcionário sobre a companhia terminará na data do despedimento.

16. Direitos Jurídicos e Tribunal

As disposições submetem-se aos direitos do cidadão alemão. A área comarcá é Berlim-Centro; a companhia poderá, no entanto, orientar os casos para a área de residência do funcionário.

As disposições aqui referidas são passadas em duplicado e vão assinadas.

Anexo 4

FAYAL SPORT CLUB

Exclu-5 FSC-5 Am-4

Campeonato de Sports Atlético

DOMINGO, 12 DE OUTUBRO DE 1924

Principia pelas 15 horas

Jury:

Presidente: Sr. Manuel S. Saldanha e Albuquerque
Delegado do S. C. M. Sr. José Correia
" do F. S. C. Sr. A. R. Allan
" do W. V. A. C. Sr. F. G. Wilkins
" do C. S. C. Sr. H. Houghton
" do F. S. C. Sr. Eduino Labescat da Silva

Juiz arbitro: Sr. F. Ward

Juiz de partida: Sr. Alfredo Labescat da Silva

Juizes de chegada: Srs. Manuel Dias Soares e Luciano Antonio da Silveira

Cronometristas: Srs. Carlos Ramos e Thiers de Lemos

Fiscais de pista: Srs. Luiz Morisson, João Batista Dutra
José Nobrega e Joaquim Barata

Horta-Fayal-Açores

Tip. de G. TRABASSO-ROTA

CONCORRENTES-2

- 1—Julio D. Andrade F. S. C.
- 2—Jerran W. U. A. C.
- 3—Smith C. S. C.
- 4—Augusto Lemos F. S. C.
- 5—Wilkinson C. S. C.
- 6—Wilson C. S. C.
- 7—Drover ~~W. U. A. C.~~ *Com*
- 8—Mc. Cleary W. U. A. C.
- 9—Manuel Gonçalves F. S. C.
- 10—Weatherald C. S. C.
- 11—Watkins C. S. C.
- 12—Coghlan W. U. A. C.
- 13—M. I. Cristo Jr. S. C. H.
- 14—Gordon E. S. C.
- 15—J. Machado F. S. C.
- 16—Harrison E. S. C.
- 17—Kelly W. U. A. C.
- 18—Herculano da Silveira F. S. C.
- 19—João Oliveira F. S. C.
- 20—Hogan W. U. A. C.
- 21—Rance W. U. A. C.
- 22—Manuel Afonso F. S. C.
- 23—Tapi E. S. C.
- 24—J. Menezes F. S. C.
- 25—João Rodrigues F. S. C.
- 26—João Andrade F. S. C.
- 27—Harry Houghton C. S. C.
- 28—Weston C. S. C.
- 29—João Goulart F. S. C.
- 30—Antonio Gonçalves da Resa F. S. C.

PROGRAMA

- 1—Corrida de 100 metros
N.ºs—1, 2, 8, 9, 10, 12, 16, 19, 23, 25 27
Vencedor: *Harmon 16-27 (E.A.)* $11 \frac{3}{5}$ s
- 2—Lançamento do péso *putting the weight*
N.ºs—5, 10, 11, 14, 17, 18, 20, 23, 26.
Vencedor: *26-17* M. 9 Cm. $46 \frac{1}{2}$
- 3—“Mackey Challenge Cup”
Corrida de estafetas (4X 402 m. 26=1009)
1—Equipe do C. S. C.
2—Equipe do E. S. C.
3—Equipe do F. S. C. *4 2 1/2*
Rally (Com) M. 4 s. ~~5~~
- 4—Saltos em altura com trampolim
N.ºs—1, 9, 17, 28.
Vencedor: *28* *Wes Cope* M. 1 Cn. 88
- 5—Saltos à vara *pole*
N.ºs—4, 10, 28.
Vencedor: *4-28* M. 2 C. 40
- 6—Corrida de 1500 metros *mile*
N.ºs—6, 7, 12, 13, 16, 21, 29, 30.
Vencedor: *16-21 (E.A.)* M. 5 s. $6 \frac{3}{5}$
- 7—Lançamento do Disco
N.ºs—1, 4, 18, 25, 26.
Vencedor: *1* M. 27 Cm. 13
- 8—Corrida de Barreiras (110 metros)
1.º Turno N.ºs—1, 2, 9
2.º Turno N.ºs—10, 12, 21
3.º Turno N.ºs—23, 27, 28.
Vencedor do 1.º turno N.º: *1* S. $21 \frac{3}{5}$
" " 2.º " N.º: *21* S. $22 \frac{1}{5}$
" " 3.º " N.º: *28* S. 22

9 - Saltos em comprimento com corrida

N.ºs - 1, 2, 8, 9, 10, 12, 15, 16, 23, 27.

Vencedor: 16 (Gra) M. 5 Cm. 8

10 - Corrida de 800 metros

N.ºs - 4, 6, 10, 22, 23, 25.

Vencedor: 16 Gra M. 2 s. 31

11 - Luta de tracção á corda

Equipos:

Vencedora: WV=Vc FSC

12 - Corrida de 400 metros *very slow*

N.ºs - 1, 4, 7, 8, 16, 22, 23, 24, 25, 27

Vencedor: 16 Gra M. 1 s. 1 1/2

13 - Saltos em altura com corrida

N.ºs - 1, 2, 3, 9, 10, 16, 23, 27, 28.

Vencedor: 16 Gra M. 1 Cm. 48

14 - Corrida de 200 metros

N.ºs - 1, 2, 7, 8, 9, 12, 16, 22, 32, 25, 27.

Vencedor: 27 (Gra) M. s. 26

15 - Luta de tracção (final)

Equipe vencedora do n.º 10 contra a equipe

Vencedora: FSC

16 - Corrida de barreiras (final)

Vencedores do n.º 7=N.º

Vencedor: 28 com s. 21 1/2

F. A. M.

AVISO

M. B. - A entrada no campo só é permitida ao jury, juizes, cronometristas, fiscais de pista e concorrentes.

Os concorrentes uma vez entrados no campo tem que ocupar os lugares destinados aos mesmos e dali só podem sair para irem fóra do campo ou quando o jury os chame para as respectivas provas.

Deutsch-Atlantische Telegraphengesellschaft.

Station Horta

Griess - Pudding 5-6 Personen

50gr amendoas doces, dessecadas e esfarela das

1/2 litro de nata

3/4 " de leite

70 gr de assucar

um pouco de sal

1 ovo

1/2 casca de limão esfarelada

200gr semola

100gr passas.

Deutsch-Atlantische Telegraphengesellschaft.

Station Horta

Come-se leite, nata, assucar, sal, limão amendoas e semola.

Mistura-se-lhe passas e o ovo muito bem e deixa-se numa forma de pudim, previamente passada por agua fria

Serve-se com um molho de fruta qualquer

Anexo 6

**CRIANÇAS FILHAS DE EMPREGADOS ESTRANGEIROS
DAS "COMPANHIAS" - Anos 30/40**

(Não inclui os filhos, nesta altura já adolescentes, como da família O'Shea, Schröder, Günther, por exemplo, nem nascidos nos anos 50/60)

Britânicas, irlandesas e canadianas (35)

Doreen Coghlan	Teddy Fielding	Terry McKay
Edward "	Tony "	Ann "
Eileen Shanahan	Daphney Kew	Molly Freshwater
John "	John Wingett	Pat Denver
Ethel Lynch	John Hitchcock	June "
Gay "	Alistair Aitman	Brian Killen
Judy Parson	Daphne Forthsmith	Graham Cox
Yvonne Weston	Elizabeth "	Ian "
Robert "	Helen Wilkins	Betty Smith
Francis White	David "	Eileen Watkins
? "	Joan Partington	Raymond "
Denise Jackson	Effie Dickinson	

Francesas(2)

Georgette Melcher
Claude "

Alemãs(16)

Heinz-W.Corsépius	Max Corsépius	Fritz Feldmann
Ingrid Majewicz	Erich "	Klaus "
Hildegard Grötzner	Horst "	Annemarie "
Dietrich "	Yolanda "	Hannelore Dahms
Metzner (2)		Margot "
		Waltraut "

Total:53

Têm sido escritos vários documentos sobre os Cabos Submarinos na Horta e a influência que os mesmos exerceram na vida desta cidade durante os anos em que cá estiveram estabelecidas as Companhias estrangeiras que as operavam, ou seja entre os anos de 1893 e 1962, mais ou menos. Não me proponho portanto repetir o que já foi feito. Há, no entanto, aspectos que julgo com um certo interesse e que talvez nunca tenham sido referidos, em especial na área sócio-cultural. É que os mesmos influenciaram, se não a vida do Faial, sem dúvida a vida na cidade.

